



Edmondo De Amicis

CONSTANTINOPLA



Prefácio de Umberto Eco

Tradução de Margarida Periquito

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V I I

Este livro foi traduzido com um apoio à tradução atribuído pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros italiano.



© 2017, Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Originalmente publicado em 1877.

Título: *Constantinopla*
Autor: Edmondo De Amicis
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Prefácio: Umberto Eco
Tradução: Margarida Periquito
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Novembro de 2017

ISBN 978-989-671-343-0
Depósito Legal n.º 4334 143/17

ÍNDICE

Istambul, Una e Trina <i>Umberto Eco</i>	9
*	
A chegada	25
Cinco horas depois	47
A ponte	53
Istambul	65
No hotel	77
Constantinopla	83
Gálata	87
<i>A Torre de Gálata</i>	89
<i>O cemitério de Gálata</i>	90
<i>Pera</i>	91
<i>O Grande Campo dos Mortos</i>	95
<i>Pangalti</i>	97

<i>San Dimitri</i>	98
<i>Tatavla</i>	99
<i>Kasim-Pasha</i>	101
<i>O café</i>	103
<i>Piali-Pasha</i>	104
<i>Okmeydani</i>	106
<i>Piri-Pasha</i>	108
<i>Hasskioj</i>	109
<i>Haligi-Oghli</i>	110
<i>Sütlüce</i>	111
<i>No caïque</i>	112
O grande bazar	115
<i>A luz</i>	143
<i>Os pássaros</i>	146
<i>Memórias vivas</i>	147
<i>As semelhanças</i>	149
<i>O vestuário</i>	150
<i>A futura Constantinopla</i>	152
<i>Os cães</i>	154
<i>Os eunucos</i>	160
<i>O exército</i>	166
<i>O ócio</i>	174
<i>A noite</i>	176
<i>A vida em Constantinopla</i>	178
<i>Os italianos</i>	181
<i>Os teatros</i>	184
<i>A cozinha</i>	187

<i>Maomé</i>	191
<i>O Ramadão</i>	193
<i>A Constantinopla antiga</i>	195
<i>Os arménios</i>	200
<i>Os judeus</i>	202
<i>Os gregos</i>	205
<i>Os banhos</i>	207
<i>A Torre do Seraskerat</i>	212
<i>Constantinopla</i>	214
Santa Sofia	217
Dulma Baghche	243
As turcas	263
Yanghen Var	317
As muralhas	339
O antigo Serralho	371
Os últimos dias	429
<i>As mesquitas</i>	429
<i>As cisternas</i>	434
<i>Scutari</i>	435
<i>O palácio de Ceragan</i>	438
<i>Eyüp</i>	441
<i>O museu dos janízaros</i>	443
<i>Os dervixes</i>	449
<i>Ciamligiá</i>	451

Os turcos	457
O Bósforo	473
	*
Nota biográfica	495

ISTAMBUL, UNA E TRINA

Umberto Eco

HÁ UMA PÁGINA DE JORGE Luis Borges («História do Guerreiro e da Cativa», em *O Aleph*) em que se fala de Droctulft, um bárbaro lombardo que chega um dia às proximidades de Ravena com a sua tribo, para lhe pôr cerco e conquistá-la. Droctulft vinha das florestas da sua região, era «corajoso, inocente, cruel», as únicas habitações que conhecia eram as cabanas na floresta, e via pela primeira vez uma cidade. É preciso que o imaginemos avistando pouco a pouco no horizonte as muralhas e as torres de Ravena, e vendo algo que nunca tinha visto. Como Borges nos conta, vê os ciprestes e o mármore, um conjunto que é variado sem ser desordenado, um organismo composto por estátuas, templos, jardins, colunas e capitéis, espaços regulares e abertos. Vê uma espécie de mecanismo complexo, que ignora ainda para que serve, mas em cujo desenho intui uma inteligência imortal. Nesse instante, Droctulft cai de joelhos e declara-se vencido por aquela Coisa que tencionara conquistar e destruir. Deslumbrado pela revelação da Cidade, abandona os seus e combate (e morre) por Ravena.

A viagem a Istambul constitui, desde a Antiguidade até hoje, um género literário com as respectivas regras e prevê sempre o arrebatamento da chegada. Parece-me que, quando lemos as inúmeras descrições da chegada a Istambul, nelas encontramos sempre o espanto daquele lombardo lendário. Talvez porque há cidades dentro das quais nos encontramos de repente, sem termos tido tempo de avistar de longe (como Londres, Roma, Paris), e outras que inevitavelmente vemos surgir pouco a pouco (por exemplo Nova Iorque, quer se chegue por mar, quer pela auto-estrada que vem do aeroporto). Istambul pertence, sem dúvida, ao segundo género, pelo menos para quem — como em tempos passados — lá chega por mar. Quer o navio venha do Bósforo, quer dos Dardanelos, para entrar no Corno de Ouro terá sempre, de qualquer das maneiras, de deixar ver a cidade a partir de várias perspectivas, de efectuar em redor dela uma espécie de *tracking* cinematográfico.

De todas as descrições de chegada a Istambul, a mais cinematográfica é talvez a de um escritor menos conhecido a nível internacional do que Nerval, Gautier, Flaubert ou Loti: trata-se de Edmondo De Amicis. Em Itália, todos os jovens (pelo menos desde 1886 até à minha geração) se formaram à imagem daquele *Coração* que hoje se tende a considerar (por algumas razões válidas) demasiado cheio de bons sentimentos; mas De Amicis também era um excelente jornalista, e dá provas disso em *Constantinopla* (1877), reportagem pouco conhecida e de grande beleza, que me acompanhou na primeira viagem a Istambul.

Como De Amicis, também eu protelara esta viagem durante anos, por várias razões, todas elas casuais, continuando a sonhar com aquela cidade vista em fotografias ou gravações, quadros e descrições, ou até plantas antigas. Há cidades onde vamos parar por acaso, outras para as quais nos preparamos durante muito tempo, misturando erudição e fantasia. Quando cheguei a Istambul sabia talvez demasiado a seu respeito, de forma que para encontrar a cidade verdadeira tinha de escavar, como um arqueólogo, por baixo da Istambul muito pessoal que criara para meu uso e consumo.

Além disso, também é preciso escavar sob a cidade que os outros nos ofereceram. O facto de ter chegado a Istambul levando como guia o texto de De Amicis foi, sem dúvida, uma infelicidade, porque ele vira coisas que eu já não podia ver. Antes de mais, a chegada dele é por mar, após nove noites de navegação, o que constitui uma boa preparação mística para o anúncio que, na última noite, o capitão faz aos passageiros: «Meus senhores! Amanhã, ao romper do dia, veremos os primeiros minaretes de Istambul.» O passageiro De Amicis dorme pouquíssimo, sobe ao convés assim que vê pela vigia um indício de dia e pragueja, desiludido, porque está nevoeiro.

Mas o capitão tranquiliza-o. É precisamente o nevoeiro que emprestará ainda mais beleza à chegada. O navio ainda vai a apontar a proa às Ilhas dos Príncipes e, com a velocidade daqueles tempos, faltarão duas horas para que possa atracar definitivamente no Corno de Ouro. Portanto, a aproximação

à cidade é saboreada lentamente, sorvida em pequenos goles. Após uma hora de navegação, o capitão indica um ponto branco, o píncaro de um minarete muito alto, e depois, pouco a pouco, aos pés do minarete vão-se desenhando os perfis e as cores de algumas casas, os píncaros de outros minaretes que aparecem tingem-se de um tom rosado, num nível abaixo das casas começam a surgir, pouco a pouco, as muralhas, foscas, com as suas torres, mas a cidade continua como que a estender-se por uma planície, como uma fila longuíssima e uniforme de edifícios. E depois, de repente, por entre o nevoeiro, uma «sombra enorme, uma mole muito alta e leve, ainda coberta por um véu de vapor, erguia-se para o céu no cimo de um outeiro, e arredondava-se gloriosamente no ar, no meio de quatro minaretes desmedidos e esbeltos, cujas pontas prateadas brilhavam com os primeiros raios de sol». Era Santa Sofia, e devia ser lindo vê-la surgir do nada, de repente.

Dali em diante é uma revelação contínua, outras torres e outras cúpulas emergem dos vapores matutinos, destacam-se arbustos de verdura, casas muito coloridas sobre outras casas igualmente coloridas, desenham-se contornos quebrados e caprichosos, brancos, verdes, rosados e cintilantes. Mas a névoa ainda esconde a embocadura do Bósforo e o navio tem de parar, dando assim ao passageiro a oportunidade de ver a cidade, que parece mover-se sozinha, a sair definitivamente dos vapores que ainda a escondem. Finalmente, o barco recomeça a andar e passa frente à colina do Serralho, que o domina com a sua sinfonia de

ciprestes, abetos e plátanos, os cimos dos quiosques e dos pavilhões, das galerias e das pequenas cúpulas, as janelas gradeadas e as portas arabescadas que se entrevêm com o óculo de longo alcance, o labirinto de jardins, de corredores e de recessos que o passageiro consegue adivinhar...

Enfim, não posso repetir as páginas e páginas que De Amicis dedica a esta chegada, a visão inesperada de Scutari em pleno sol, a aparição súbita de Gálata e Pera, a sinfonia de casebres de mil cores, a floresta dos mastros das embarcações, «pequenos portos, palácios à beira da água, pavilhões, jardins, quiosques, bosquetes; e, confundidos com a névoa distante, outros povoados, de que se avistavam apenas os pontos mais altos dourados pelo sol; um deslumbramento de cores, uma exuberância de verdura, uma sequência de vistas, uma grandeza, uma delícia, um encanto capaz de nos fazer saltar exclamações insensatas». Infelizmente, não me foi possível ver essa Constantinopla. Primeiro, porque cheguei por terra; depois, porque quando atravessei o Mar da Mármara até ao lado asiático, no regresso, tinha a cidade diante dos olhos mas foi em pleno dia e não havia nevoeiro (durante a minha permanência só tive dias de sol, vi sempre uma Istambul dourada, onde até o verde dos jardins e das colinas se dourava); e ainda porque, se nevoeiro houvesse, ele teria deixado transparecer a pouco e pouco, juntamente com os minaretes e as cúpulas, edifícios mais modernos, e não os bairros e as aldeias vistos por De Amicis... Todavia, quando, poucas horas depois de chegar, subi sem hesitar ao cimo da Torre de Gálata e vi a cidade à luz do pôr-do-sol,

e noutras ocasiões, quando uma vez mais me aproximava da cidade vindo de longe, da costa do Bósforo, de automóvel, e mesmo ao atravessar as pontes sobre o Corno, encontrei parte das emoções de De Amicis.

Porém, as cidades dos outros de nada nos servem. Não podia estar à espera de encontrar na ponte de Gálata duas correntes humanas que se cruzavam desde o romper do dia até ao pôr-do-sol, a liteira marchetada de madrepérola da qual espreitava uma senhora arménia, o velho turco com o turbante de musselina e o cafetã azul-celeste a passar ao lado do grego a cavalo, seguido pelo seu dragomano, o dervixe com o chapéu cónico, o grupo de persas com os chapéus de astracá piramidais, a cigana desgrenhada, o padre católico, o velho judeu, o eunuco que precedia a carruagem das mulheres de um harém, o escravo africano que levava um macaco, um contador de histórias vestido de necromante (mas De Amicis terá de facto visto tudo isto de uma vez, ou estava a coser num único *patchwork* experiências de dias diferentes?). Fosse como fosse, eu tinha de ir à descoberta da minha Istambul e não fazer caso da dos outros.

A minha experiência de viajante diz-me que há uma forma quase científica de *não* compreender nada de uma cidade: fazermo-nos acompanhar de um guia experiente que nos explique tudo sobre as ruas e os palácios e que nos leve de automóvel de um lugar para outro. Pelo contrário, existe um único modo de a conhecer bem: percorrê-la sozinho, a pé, e perdermo-nos, coibindo-nos de pedir informações, se possível sem usar sequer uma planta, andando

simplesmente ao sabor do instinto. Estuda-se a planta antes de sair, mas depois é preciso avançar de acordo com a imagem que se fez da cidade, orientando-nos pelo Sol, pelos odores, pelos ruídos.

Para nos perdermos numa cidade é preciso termos, obviamente, um sítio onde queremos regressar (quanto a isso não há problema, pelo menos existe sempre um hotel), mas também é necessário termos um sítio aonde queremos ir, de outro modo andaríamos ao acaso, não haveria opções a fazer, e nunca nos perderíamos. Perdermo-nos numa cidade é algo que requer uma série de tentativas e de erros, com base numa determinada ideia que havíamos feito dos espaços e dos percursos.

De Amicis, por exemplo, a certo ponto da sua visita à cidade decidiu seguir um trajecto a pé, que era bastante longo, como se fizesse uma peregrinação, numa atitude ligeiramente penitencial. Para essa incursão escolheu um caminho entre duas civilizações. O caminho é físico, porque é definido pelas antigas muralhas, desde o Palácio de Blaquerna, ao longo do Corno de Ouro, incluindo a totalidade do litoral do Mar da Mármara, e ao mesmo tempo é simbólico, porque foi sobre aquele chão material que se decidiu o conflito entre a cruz e a meia-lua, durante o assédio e conquista da cidade, em 1453, por Maomé II.

Percurso sem dúvida fatal, compreensível para um ocidental em peregrinação àquela que até àquele momento fora a segunda Roma, farol da civilização cristã em todo o Oriente, e que a partir dali passa a ser símbolo da grandeza

otomana, com as suas basílicas transformadas em mesquitas, e o próprio *skyline* que lentamente se altera de forma radical. O que torna patética a peregrinação de De Amicis é que, enquanto Constantinopla foi a capital de um império cristão, o mundo cristão ocidental considerou-a algo de estranho, centro de decadência e de heresia, foco de desconfiança. Porém, quando a cidade se tornou a capital do Anticristo muçulmano, ultrapassado o choque inicial (entre os séculos XVI e XVII), pouco a pouco Constantinopla passou a ser objecto de desejo, incentivo de fantasias exóticas, destino de peregrinações literárias. Enquanto fora «quase» como o Ocidente cristão, não era amada, quando se tornou radicalmente diferente transformou-se em Santuário do Diferente.

Pois bem, justamente para compreender, para reevocar os sentimentos contraditórios que sempre ligaram os europeus a Constantinopla, tracei como objectivo a pesquisa de outro percurso, ao longo das linhas de outro assédio, para tentar encontrar os vestígios daquilo que Constantinopla poderia ser em 1204. Arrumei o livro de De Amicis e fui visitar a cidade, tendo à mão de semear a crónica (do lado bizantino) de Niketas Choniates e as duas crónicas (do lado dos cruzados) escritas por Robert de Clari e Villehardouin.

Esse assédio e essa conquista foram muito mais terríveis — pelo menos no aspecto moral — do que os do século XV, realizados pelo exército otomano, porque dessa vez quem assediou e destruiu Constantinopla, segunda Roma, capital do cristianismo oriental, foram as milícias cristãs,

que se tinham posto a caminho da Terra Santa em nome de Cristo.

Os cruzados (franceses e flamengos) partiram em 1203 para a Terra Santa, porque Saladino reconquistara havia pouco tempo Jerusalém, mas tinham de usar os navios dos venezianos e não havia dinheiro suficiente para pagar o transporte. Os venezianos pediram-lhes que, de caminho, os ajudassem a subjugar a cidade de Zara. Mas aconteceu que, conquistada Zara, se lhes apresentou Aléxio, filho de Isaac II Ângelo, imperador bizantino que acabara de ser destronado por seu irmão, Aléxio III. O jovem príncipe pediu ajuda aos cruzados para reconquistar o seu império, prometendo em troca um verdadeiro tesouro e um forte apoio militar para a cruzada próxima. Esta sofreu assim novo adiamento, e na manhã de 26 de Junho de 1203 a frota veneziana desfilava diante das muralhas do litoral do Mar da Mármara, com as insígnias e os estandartes ao vento e os escudos multicores alinhados ao longo dos flancos das galés. Uma parada que arrancou aos bizantinos que assistiam das muralhas um murmúrio de inquietação, e aos cruzados, que pouco a pouco viam (como De Amicis) a cidade surgir à luz matinal, gritos de admiração.

A frota dos cruzados foi fixar-se em Scutari, mas a 6 de Julho atacou Gálata. Os atacantes conseguiram conquistar a torre e arrombar a corrente que impedia o acesso ao porto na embocadura do Corno de Ouro. Agora, os cruzados, da Torre de Gálata, viam Constantinopla em todo o seu esplendor, e julgo que começaram a ceder à tentação, como um

A CHEGADA

A EMOÇÃO QUE SENTI AO entrar em Constantinopla quase me fez esquecer tudo o que vi em dez dias de navegação, do Estreito de Messina à embocadura do Bósforo. O Mar Jónico, azul e imóvel como um lago, os longínquos montes da Moreia pintados de um tom rosado pelos primeiros raios de sol, o arquipélago dourado pelo sol poente, as ruínas de Atenas, o Golfo de Salónica, Lemnos, Ténedos, os Dardanelos, e muitos casos e personagens que me divertiram durante a viagem desvaneceram-se de tal modo na minha mente, depois de ter visto o Corno de Ouro, que se agora os quisesse descrever teria de servir-me mais da imaginação do que da memória. Para que a primeira página do meu livro me saia da alma viva e animada, começo da última noite de viagem, no meio do Mar da Mármara, no ponto em que o capitão do navio se aproximou de mim e do meu amigo Yunk e, pondo-nos as mãos nos ombros, disse no seu genuíno sotaque de Palermo: «Meus senhores! Amanhã, ao romper do dia, veremos os primeiros minaretes de Istantul.»

Ah! o senhor sorri, meu caro leitor, cheio de dinheiro e de tédio; o senhor que, há alguns anos, quando teve o desejo de ir a Constantinopla, em vinte e quatro horas abasteceu a bolsa e fez as malas, e partiu tranquilamente, como se fosse dar um passeio pelo campo, hesitando até ao último instante se não seria melhor dirigir-se antes para Baden-Baden! Se o capitão do seu navio também lhe disse «Amanhã de manhã veremos Istambul», o senhor terá respondido fleumaticamente: «Muito me apraz.» Mas é preciso ter acalentado esse desejo durante dez anos, ter passado muitas noites de Inverno a olhar melancolicamente para o mapa do Oriente, ter inflamado a imaginação com a leitura de cem livros, ter corrido meia Europa como consolação por não poder ver a outra meia, ter estado preso à secretária um ano com esse único objectivo, ter feito mil pequenos sacrifícios, e contas e mais contas, e castelos e mais castelos no ar, e pelejas no lar; e, por fim, é preciso ter passado nove noites em claro no mar, com aquela imagem imensa e luminosa diante dos olhos, e com tanta felicidade, que quase sentimos remorsos quando pensamos nas pessoas queridas que deixámos em casa; só assim é possível compreender o que significam aquelas palavras: «Amanhã, ao romper do dia, veremos os primeiros minaretes de Istambul»; e, em vez de responder fleumaticamente «Muito me apraz», dá-se um murro formidável no parapeito da embarcação.

Um grande prazer para mim e para o meu amigo era a certeza profunda de que a nossa imensa expectativa não seria defraudada. De facto, a respeito de Constantinopla

não existem dúvidas; até o viajante mais desconfiado vai para lá seguro de si; nunca ninguém se sentiu desiludido. E para isso nada conta o fascínio das grandes memórias e a tradicional admiração. É uma beleza universal e soberana, diante da qual o poeta e o arqueólogo, o embaixador e o negociante, a princesa e o marinheiro, o natural do norte e o natural do sul, todos eles soltaram uma exclamação de espanto. É o mais belo lugar do mundo, na opinião do mundo inteiro. Os escritores de livros de viagens, quando lá chegam, perdem a cabeça. Perthusier gagueja, Tournefort diz que a língua humana é impotente, Pouqueville julga-se arrebatado para outro planeta, La Croix sente-se inebriado, o visconde de Marcellus fica extasiado, Lamartine agradece a Deus, Gautier duvida de que aquilo que vê é real; e todos acumulam imagens sobre imagens, fazem brilhar o estilo e atormentam-se em vão para encontrar uma expressão que não acabe miseravelmente por ficar aquém da sua ideia. Apenas Chateaubriand descreve a sua entrada em Constantinopla com uma aparente tranquilidade de espírito que causa espanto; mas não deixa de dizer que é o mais belo espectáculo do universo; e se a célebre Lady Montagu, ao pronunciar a mesma frase, se permite um *talvez*, é caso para crermos que o tenha feito para reservar tacitamente o primeiro lugar para a sua beleza pessoal, com a qual se preocupava muito. Há até um frio alemão que diz que as mais belas ilusões da juventude e os próprios sonhos do primeiro amor são pálidas imagens em comparação com a sensação de doçura que invade a alma ao vermos aqueles

lugares encantados; e um douto francês afirma que a primeira impressão que Constantinopla provoca é medo. Imagine o leitor a excitação que todas estas palavras fogosas, repetidas um cento de vezes, deviam produzir no cérebro de um hábil pintor de vinte e quatro anos, e no de um mau poeta de vinte e oito! Mas nem esses ilustres encômios de Constantinopla nos bastavam, procurávamos as opiniões dos marinheiros. E também eles, pobre gente rude, para dar uma ideia daquela beleza, sentiam necessidade de se exprimir recorrendo a um símile ou a uma palavra extraordinária, e buscavam-na girando os olhos para aqui e para ali e esfregando os dedos, e faziam tentativas de a descrever, com aquele tom de voz que parece vir de longe e aqueles gestos largos e lentos com que as pessoas do povo exprimem a admiração, quando as palavras não lhes bastam. «Entrar em Constantinopla numa manhã bonita», disse-nos o chefe dos timoneiros, «creiam no que vos digo, senhores, *é um momento extraordinário na vida de um homem.*»

Até o tempo nos sorria; estava uma noite serena e morna; o mar acariciava os flancos do navio com um ligeiro murmúrio; os mastros e o mais minúsculo cordame delineavam-se, nítidos e imóveis, sob o céu coberto de estrelas; nem sequer parecia que íamos a navegar. À proa via-se uma chusma de turcos, deitados, a fumar tranquilamente o narguilé, com o rosto voltado para a lua, a qual emprestava um contorno de prata aos seus turbantes brancos; à popa, uma multidão de gente de todos os países, que incluía uma companhia esfomeada de comediantes gregos que tinham

embarcado no Pireu. Vejo ainda, no meio de uma ninhada de meninas russas que vão para Odessa com a mãe, a carinha da pequena Olga, muito admirada por eu não compreender a sua língua e irritada por me ter feito três vezes a mesma pergunta sem obter uma resposta inteligível. Tenho, de um lado, um padre grego, grande e imundo, com o chapéu alto tombado para trás, que procura com o óculo o arquipélago da Mármara; do outro lado, tenho um ministro evangélico inglês, rígido e frio como uma estátua, que em três dias ainda não disse uma palavra nem olhou para a cara de ninguém; em frente, duas lindas senhorinhas atenienses, de chapeuzinho vermelho e tranças caídas sobre as costas, que assim que alguém olha para elas se voltam as duas ao mesmo tempo para o mar, para que as vejam de perfil; um pouco mais para lá, um negociante arménio que desfia entre os dedos as contas do rosário oriental, um grupo de judeus vestidos com o traje antigo, uns albaneses com os saiotes brancos, uma preceptora francesa que se mostra melancólica, alguns daqueles viajantes habituais insípidos, que não se percebe de que país são nem qual o seu ofício; e, no meio desta gente, uma pequena família turca, composta por um pai com o fez na cabeça, uma mãe de véu e duas meninas de calções, os quatro acocorados debaixo de uma tenda, em cima de um monte de colchões e de almofadas coloridas, no meio de uma colecção de bugigangas de todas as formas e de todas as cores.

Como se sentia a proximidade de Constantinopla! Reinava uma vivacidade insólita. Quase todos os rostos

que se entreviam à luz das lanternas eram rostos alegres. As meninas russas saltitavam em redor da mãe, gritando o antigo nome russo de Istambul: «Zavegorod! Zavegorod!» Ao passar junto dos grupos de pessoas, ouviam-se aqui e ali as palavras Gálata, Pera, Scutari, Büyükdere, Terapia, que brilhavam na minha fantasia como as primeiras centelhas de um grande fogo-de-artifício que começava a iluminar-se. Os marinheiros também estavam contentes por se aproximarem daquele lugar onde, como eles diziam, pelo menos durante uma hora se esquecem todos os aborrecimentos da vida. Mesmo junto à proa, entre o alvejar de turbantes, havia um movimento extraordinário, pois até aqueles muçulmanos preguiçosos e impassíveis já viam, com os olhos da imaginação, ondular no horizonte as fantásticas cercanias de *Umme-lunià*, a mãe do mundo, «a cidade», como diz o Corão, «que de um lado olha para terra e de dois olha para o mar». Parecia que o navio seguiria em frente mesmo sem a força motriz do vapor, impelido pelo ímpeto dos desejos e da impaciência que estremeciam sobre o convés. De vez em quando, apoiava-me ao parapeito para olhar o mar e parecia-me que uma centena de vozes confusas me falavam por entre o murmúrio das águas. Eram as pessoas que me amam a dizer: Vai, vai, meu filho, irmão, amigo, vai; vai desfrutar da tua Constantinopla; mereceste-a, sê feliz, e que Deus te acompanhe.

Só por volta da meia-noite os viajantes começaram a abandonar o convés. O meu amigo e eu fomos os últimos a descer, e a passo de caracol, porque sentíamos-nos contrariados por irmos encerrar dentro de quatro paredes uma

alegria para a qual nos parecia pequeno o circuito da Propõtida. Quando íamos a meio da escada ouvimos a voz do capitão, a convidar-nos para na manhã seguinte subirmos à ponte reservada ao comando. «Estejam lá em cima antes de o sol nascer», gritou, debruçando-se do alçapão, «mando deitar ao mar quem se atrasar.»

Ameaça mais supérflua jamais foi feita, desde que o mundo é mundo. Eu não preguei olho. Não creio que o jovem Maomé II, naquela famosa noite de Adrianópolis, em que desmanchou a cama de tanto se virar para um lado e para o outro, agitado pela visão da cidade de Constantino, tenha dado tantas voltas como eu dei no meu beliche naquelas quatro horas de espera. Para dominar os nervos, tentei contar até mil, ter os olhos fixos nas grinaldas brancas que a água, fendida pelo navio, erguia em torno das vigias da minha cabina, cantarolar ariazinhas cadenciadas sobre o ruído monótono da máquina a vapor; mas foi inútil. Tinha febre, sentia que me faltava o ar e a noite parecia-me eterna. Assim que vi um vislumbre de claridade, pus-me em pé de um salto; Yunk já estava levantado; vestimo-nos à pressa e em três pulos subimos ao convés.

Maldição!

Estava nevoeiro.

Um nevoeiro cerrado cobria o horizonte de todos os lados; a chuva parecia estar iminente; o grande espectáculo da entrada em Constantinopla estava perdido; o nosso mais ardente desejo, frustrado; numa palavra, a viagem estava estragada!

Senti-me aniquilado.

Nessa altura apareceu o capitão, com o habitual sorriso nos lábios.

Não foi preciso falar; assim que nos viu, percebeu, e, batendo-nos com a mão no ombro, disse, em tom consolador:

«Calma, calma. Não se apoquentem, meus senhores. Pelo contrário, bendigam este nevoeiro. Graças a ele, farão a mais bela entrada em Constantinopla que poderiam desejar. Dentro de duas horas teremos um céu limpo e maravilhoso. Confiem na minha palavra.»

Senti que voltava a ter vida.

Subimos à ponte de comando.

À proa já se encontravam todos os turcos, sentados nos seus tapetes, de pernas cruzadas, com o rosto virado para Constantinopla. Em poucos minutos surgiram todos os outros viajantes, armados de óculos de longo alcance de todos os feitios, e, formando uma longa fila, apoiaram-se ao parapeito do lado esquerdo, como se estivessem na balaustrada de uma galeria de teatro. Soprava uma aragem fresca; ninguém pronunciava uma palavra. Todos os olhares e todos os óculos se dirigiram, pouco a pouco, para a margem setentrional do Mar da Mármara. Mas ainda não se via nada.

O nevoeiro, porém, formava apenas uma faixa esbranquiçada no horizonte, acima da qual o céu limpo e dourado resplandecia.

À nossa frente, na direcção da proa, surgia confusamente o pequeno arquipélago das nove Ilhas dos Príncipes, as *Demonesas* dos antigos, lugar de prazeres da corte no

tempo do Baixo Império, e agora local de encontros e de festas dos habitantes de Constantinopla.

As duas margens do Mar da Mármara ainda estavam completamente escondidas.

Só uma hora depois de estarmos na ponte é que se viu...

Mas é impossível compreender bem a descrição da entrada em Constantinopla, se não tivermos a configuração da cidade bem definida na nossa mente. Suponha o leitor que tem diante de si a embocadura do Bósforo, o braço de mar que separa a Ásia da Europa e que liga o Mar da Mármara ao Mar Negro. Nessa posição, temos a margem asiática à direita e a margem europeia à esquerda; aqui, a antiga Trácia, e além, a antiga Anatólia. Seguindo em frente, isto é, entrando pelo braço de mar, assim que ultrapassamos a embocadura, encontramos, à esquerda, um golfo, uma enseada muito estreita que forma um ângulo quase recto com o Bósforo e penetra várias milhas na margem europeia, encurvando-se à semelhança de um corno de boi; daí lhe vem o nome de Corno de Ouro, ou seja, corno da abundância, porque ali afluíam, no tempo em que era o porto de Bizâncio, as riquezas de três continentes. Naquele canto de terra europeia, que de um lado é banhado pelo Mar da Mármara e do outro pelo Corno de Ouro, onde se situava a antiga Bizâncio, ergue-se, sobre sete colinas, Istambul, a cidade turca. No canto oposto, banhado pelo Corno de Ouro e pelo Bósforo, erguem-se Gálata e Pera, as cidades francesas. Em frente da abertura do Corno de Ouro, sobre as colinas da margem asiática, surge a cidade de Scutari. Portanto, aquela que se

chama Constantinopla é formada por três grandes cidades separadas pelo mar, situando-se duas delas uma em frente da outra e a terceira de frente para essas duas, e tão próximas entre si que de cada uma das três margens se vêem distintamente os edifícios das outras duas, quase como de um lado ao outro do Sena e do Tamisa em Paris e em Londres, nos pontos onde são mais largos. O vértice do triângulo onde se ergue Istambul, torcido para o lado do Corno de Ouro, é o famoso Cabo do Serralho, o qual esconde até ao último momento, aos olhos de quem vem do Mar da Mármara, a vista das duas margens do Corno, isto é, a parte maior e mais bonita de Constantinopla.

Foi o capitão do navio quem primeiro descobriu, com o seu olho apurado de marinheiro, o primeiro indício de Istambul.

As duas senhoras atenienses, a família russa, o ministro inglês, Yunk, eu e outros mais, que íamos a Constantinopla pela primeira vez, estávamos reunidos em volta dele em grupo, silenciosos, cansando os olhos inutilmente a perscrutar o nevoeiro, quando ele estendeu o braço para a esquerda, na direcção da margem europeia, e gritou: «Meus senhores, eis o primeiro indício.»

Era um ponto branco, o ápice de um minarete altíssimo, cuja parte inferior continuava escondida. Todos apontaram os óculos para lá e começaram a sondar aquele pequeno rasgão no nevoeiro, como se quisessem fazê-lo maior. O navio deslizava velozmente. Poucos minutos depois, viu-se junto ao minarete uma mancha incerta,

depois duas, depois três, depois muitas, que, a pouco e pouco, tomavam o feitio de casas e iam formando uma fileira que crescia, crescia. Na nossa frente e à nossa direita, ainda se encontrava tudo coberto de nevoeiro. A zona que estava agora a descobrir-se era a parte de Istambul que se estende, formando um arco de cerca de quatro milhas italianas, pela margem norte do Mar da Mármara, entre o Cabo do Serralho e o Castelo das Sete Torres. Mas a colina do Serralho ainda estava totalmente velada. Por trás das casas despontavam, um após outro, os minaretes, muito altos e brancos, e os seus píncaros, iluminados pelo sol, apresentavam um tom rosado. Abaixo das casas começavam a descobrir-se as velhas muralhas guarnecidas de ameias, de cor fosca, reforçadas, a intervalos regulares, por grandes torres, formando uma cintura sem interrupção em volta de toda a cidade, contra a qual as ondas do mar vão rebentar. Em pouco tempo ficou a descoberto um pedaço da cidade com duas milhas de comprimento; mas, para dizer a verdade, o espectáculo não correspondia às minhas expectativas. Encontrávamo-nos no ponto em que Lamartine perguntou a si mesmo: «Mas Constantinopla é isto?», e exclamou: «Que desilusão!» As colinas ainda estavam escondidas, viam-se apenas as margens, as casas formavam uma única fila muito longa, a cidade parecia toda plana. «Capitão!», exclamei eu também, «Constantinopla é isto?» O capitão agarrou-me por um braço e, apontando com a mão para a frente, disse-me: «Homem de pouca fé! Olhe lá para cima.» Olhei e escapou-se-me uma exclamação

de espanto. Uma sombra enorme, uma mole muito alta e leve, ainda coberta por um véu diáfano, erguia-se para o céu no cimo de um outeiro, e arredondava-se gloriosamente no ar, no meio de quatro minaretes desmedidos e esbeltos, cujos ápices prateados brilhavam com os primeiros raios de sol. «Santa Sofia!», exclamou um marinheiro; e uma das duas senhoras atenienses disse em voz baixa: «*Hagia Sofia!*» (A santa sabedoria.) Os turcos, à proa, puseram-se em pé. Mas na frente e ao lado da grande basílica já se delineavam, através do nevoeiro, outras cúpulas enormes, e minaretes em profusão e confundidos uns com os outros, como uma floresta de gigantescas palmeiras sem ramos. «A mesquita do Sultão Ahmed!», gritava o capitão, apontando, «a mesquita de Bayezid, a mesquita de Osman, a mesquita de Laleli, a mesquita de Suleiman.» Mas já ninguém o ouvia. O véu rasgava-se rapidamente e de todos os lados surgiam mesquitas, torres, moitas de verdura, casas sobre casas; quanto mais avançávamos, mais a cidade se erguia e mostrava, já mais distintos, os seus grandes contornos quebrados, caprichosos, brancos, verdes, rosados, cintilantes; e a colina do Serralho já desenhava por inteiro a sua forma suave, sobre o fundo cinzento da névoa distante. Quatro milhas de cidade, toda a parte de Istambul que dá para o Mar da Mármara, se estendiam diante de nós, e as suas muralhas foscas e as suas casas de mil cores reflectiam-se na água, límpidas e nítidas, como num espelho.

De repente o navio parou.

Aglomeraram-se todos em redor do capitão, perguntando porquê. Ele explicou-nos que, para prosseguir, era

preciso esperar que o nevoeiro desaparecesse. De facto, o nevoeiro ainda escondia a embocadura do Bósforo como um espesso cortinado. Mas menos de um minuto depois já pudemos continuar, seguindo porém com muita cautela.

Aproximávamo-nos da colina do antigo Serralho.

Aqui, a minha curiosidade e a de todos tornou-se febril.

«Volte-se para lá», disse-me o capitão, «e espere até toda a colina estar diante de nós; só depois pode olhar.»

Voltei-me e fixei os olhos num banco que me parecia estar a baloiçar.

«Já está!», exclamou o capitão momentos depois.

Voltei-me. O navio immobilizara-se.

Estávamos diante da colina, muito perto dela.

É uma grande colina, toda revestida de ciprestes, terebintos, abetos e plátanos gigantescos que estendem os ramos para fora das muralhas ameadas, projectando a sua sombra no mar; e, no meio desta mancha de verdura, elevam-se desordenadamente, solitários ou em grupos, como se dispersos ao acaso, topos de quiosques, pavilhões encimados por galerias, cúpulas prateadas, pequenos edifícios de formas elegantes e estranhas com as janelas gradeadas e as portas arabescadas; tudo branco, pequenino, meio escondido, deixando adivinhar um labirinto de jardins, de corredores, de pátios, de recessos; uma cidade inteira encerrada num bosque; separada do mundo, cheia de mistério e de tristeza. Naquele momento batia-lhe o sol, mas ainda a cobria um ligeiro véu. Não se via ninguém, não se ouvia o mais leve ruído. Todos os viajantes tinham os olhos postos

naquela colina coroada pelas memórias de quatro séculos de glória, de prazeres, de amores, de conjuras e de sangue; paço real, cidadela e túmulo da grande monarquia otomana; e ninguém falava, ninguém se mexia. Quando, de repente, o imediato do navio exclamou: «Senhores, já se vê Scutari!»

Voltámo-nos todos para a margem asiática. Scutari, a Cidade de Ouro, ali estava, dispersa a perder de vista sobre os cumes e pelas encostas das suas grandes colinas, velada pelos vapores luminosos da manhã, risonha, fresca como uma cidade acabada de surgir pelo toque de uma varinha mágica. Quem é que consegue descrever aquele espectáculo? A linguagem que usamos para traçar o retrato das nossas cidades não serve para dar uma ideia daquela imensa variedade de cores e de aspectos, daquela maravilhosa confusão de cidade e de paisagem, de garrido e de austero, de europeu, de oriental, de excêntrico, de elegante, de grande! Imagine-se uma cidade composta por dez mil habitações amarelas e purpúreas e por dez mil jardins de um verde luxuriante, por entre os quais se erguem cem mesquitas, brancas como a neve; no alto, uma floresta de enormes ciprestes: o maior cemitério do Oriente; nas extremidades, enormes casernas brancas, grupos de casas e de ciprestes, aldeolas recolhidas nos outeiros, por trás das quais se avistam outras meio escondidas entre a verdura; e por todo o lado píncaros de minaretes e cimos de cúpulas alvejantes, até meia encosta de uma montanha que encerra o horizonte como uma enorme cortina; uma grande cidade espalhada por um imenso jardim, sobre um litoral ora cortado por

ravinas a pique, revestidas de sicómoros, ora descendo suavemente em verdes campinas, que se abrem em pequenas enseadas cheias de sombra e de flores; e o espelho azul do Bósforo a reflectir toda essa beleza.

Enquanto eu olhava para Scutari, o meu amigo tocou-me com o cotovelo para me anunciar que descobrira outra cidade. E de facto vi, voltando-me para o Mar da Mármara, na mesma margem asiática, para lá de Scutari, uma longa fila de casas, de mesquitas e de jardins, em frente dos quais o navio passara, e que até então tinham estado escondidos pelo nevoeiro. Com o óculo de longo alcance distinguiram-se muito bem os cafés, os bazares, as casas à europeia, as escadas, os muros de cerca das hortas, os barquinhos espalhados ao longo da praia. Era Kadi-Kioi, *a aldeia dos juizes*, construída sobre as ruínas da antiga Calcedónia, que fora rival de Bizâncio; aquela Calcedónia fundada seiscentos e oitenta e cinco anos antes de Cristo pelos megáricos, aos quais o oráculo de Delfos deu a alcunha de cegos por terem escolhido aquele local em vez da margem oposta, onde se situa Istambul. «Contem as três cidades pelos dedos», disse-nos o capitão, «porque dentro de momentos vão aparecer outras.»

O navio continuava imóvel entre Scutari e a colina do Serralho. Com efeito, o nevoeiro escondia o Bósforo para lá de Scutari, e Gálata e Pera por completo, as quais se encontravam na nossa frente. Ao nosso lado passavam grandes barcos, pequenos vapores, caíques, pequenas embarcações à vela; mas ninguém olhava para eles. Todos os olhares

estavam fixos na cortina cinzenta que cobria a cidade francesa. Eu tremia de impaciência e de prazer. Só mais uns instantes e veremos o espectáculo maravilhoso, que arranca um grito da alma! Mal conseguia segurar o óculo junto dos olhos, tanto a mão me tremia. O capitão, coitado, olhava para mim, regozijando-se com a minha emoção e, esfregando as mãos, exclamava:

«Está quase! Está quase!»

Finalmente começaram a aparecer por trás do véu, primeiro umas manchas esbranquiçadas, a seguir o contorno vago de uma colina muito alta, depois um luzir disperso e muito vivo de vidraças batidas pelo sol, e, por fim, Gálata e Pera em plena luz, um monte, uma miríade de casinhas de todas as cores, umas por cima das outras; uma cidade altíssima coroada de minaretes, de cúpulas e de ciprestes; no cimo, os palácios monumentais das embaixadas e a grande Torre de Gálata; no sopé, o vasto arsenal de Tophané e uma floresta de embarcações; e, com o nevoeiro sempre a dispersar-se, a cidade alongava-se rapidamente do lado do Bósforo e iam surgindo povoados, um após outro, que se estendiam desde o alto das colinas até ao mar, vastos, cerrados, sarapintados de branco pelas mesquitas; filas de barcos, pequenos portos, palácios à beira da água, pavilhões, jardins, quiosques, bosquetes; e, confundidos com a névoa distante, outros povoados de que se avistavam apenas os pontos mais altos, dourados pelo sol; um deslumbramento de cores, uma exuberância de verdura, uma sequência de vistas, uma grandeza, uma delícia,

um encanto capaz de nos fazer soltar exclamações insensatas. No navio estavam todos de boca aberta: viajantes, marinheiros, turcos, europeus, crianças. Não se ouvia nem uma mosca. Já não sabíamos para onde olhar. De um lado tínhamos Scutari e Kadi-Kioi; do outro, a colina do Serralho; em frente, Gálata, Pera, o Bósforo. Para ver tudo era preciso girar sobre os calcanhares; e girávamos, lançando para todos os lados olhares flamejantes, e rindo e gesticulando sem falar, com um prazer que nos sufocava. Que belos momentos, Deus eterno!

Contudo, o mais grandioso e o mais bonito ainda estava para se ver. Ainda nos encontrávamos imóveis, para cá da ponta do Serralho, e sem a ultrapassar não se pode ver o Corno de Ouro, e a vista mais maravilhosa de Constantinopla é a que dá para o Corno de Ouro. «Meus senhores, estejam atentos», exclamou o capitão antes de dar a ordem para avançar, «agora vem o *momento crítico*. Dentro de três minutos temos Constantinopla diante dos nossos olhos!»

Tive uma sensação de frio.

Esperámos mais alguns instantes.

Ah! Como o meu coração batia! Com que febre da alma aguardava aquela bendita palavra: «Avante!»

«Avante!», gritou o capitão.

O navio moveu-se.

Começámos a andar! Reis, príncipes, cresos, poderosos e afortunados da terra, naquele momento tive pena de vós; o meu lugar naquele navio valia todos os vossos tesouros, não trocaria um olhar meu por um império.

Um minuto, outro minuto, passa-se o cabo do Serralho, entrevejo um enorme espaço cheio de luz e uma imensidão de coisas e de cores, a ponta está passada... Eis Constantinopla! Constantinopla infinita, soberba, sublime! Glória a toda a criação e ao homem! Eu não imaginara esta beleza!

E agora descreve, miserável! Profana com a tua palavra esta visão divina! Quem ousa descrever Constantinopla? Chateaubriand, Lamartine, Gautier, o que foi que balbucias? As imagens e as palavras, porém, acorrem à mente em catadupa e escapam-se da pena. Vejo, falo, escrevo, tudo ao mesmo tempo, sem esperança, mas com uma volúpia que me inebria. Ora vejamos. O Corno de Ouro abre-se diante de nós como um amplo rio; e, nas duas margens, duas cadeias de montes sobre os quais se erguem e se estendem duas cadeias paralelas de cidades, que abraçam oito milhas de colinas, de valesinhos, de enseadas, de promontórios; cem anfiteatros de monumentos e de jardins; uma imensa escadaria dupla de casas, de mesquitas, de bazares, de serralhos, de banhos, de quiosques, numa variedade infinita de cores; no meio dos quais milhares de minaretes de ponta reluzente se erguem para o céu, como enormes colunas de marfim, e se elevam bosques de ciprestes que descem em faixas escuras desde os montes até ao mar, engrinaldando subúrbios e fortes; e uma vigorosa vegetação dispersa ergue-se e transborda de todos os lados, empencha os cumes, serpenteia por entre os telhados e debruça-se sobre as margens. À direita, Gálata, que tem na frente uma selva de mastros e de bandeiras; acima de Gálata, Pera,

que desenha no céu os poderosos contornos dos seus palácios europeus; em frente, uma ponte que liga as duas margens, percorrida por duas correntes de gentes variegadas, em sentidos opostos; à esquerda, Istambul, deitada sobre as suas amplas colinas, cada uma das quais sustém uma mesquita gigantesca de cúpula de chumbo e agulhas de ouro: Santa Sofia, branca e rosada; Sultão Ahmed, ladeada por seis minaretes; Suleiman, *o Grande*, coroada por dez cúpulas; Sultana Validé, que se espelha nas águas; na quarta colina, a mesquita de Maomé II; na quinta, a mesquita de Selim; na sexta, o serralho de Tekyr; e, acima de todas as alturas, a torre branca de Serasker, que domina as margens dos dois continentes, dos Dardanelos ao Mar Negro. Para lá da sexta colina de Istambul e para lá de Gálata, não se vê mais do que vagos perfis, pontas de cidade e de subúrbios, nesgas de portos, de frotas e de bosques, quase desvanecidos numa atmosfera azulada, que nem parecem coisas reais, mas embustes do ar e da luz. Como captar os pormenores deste quadro prodigioso? O olhar fixa-se durante alguns instantes nas margens próximas, numa casinha turca ou num minarete dourado; mas logo volta a mergulhar naquela profundidade luminosa e paira ao acaso entre as duas sequências de cidade fantásticas, seguido a custo pela mente estupefacta. Uma majestade infinitamente serena espalha-se sobre toda aquela beleza, um não sei quê de juvenil e de amoroso, que desperta mil lembranças de contos de fadas e de sonhos primaveris; um quê de aéreo, de arcano e de grande, que arrebatava a fantasia para além da realidade. O céu, matizado de

finíssimos tons opalinos e argênteos, contorna todas as coisas com uma precisão maravilhosa; o mar, cor de safira, todo salpicado de bóias avermelhadas, faz estremecer os longos reflexos brancos dos minaretes; as cúpulas cintilam; toda aquela imensa vegetação se agita e estremece com o ar matinal; nuvens de pombos esvoaçam em volta das mesquitas; milhares de caíques, pintados e dourados, deslizam sobre as águas; a brisa do Mar Negro traz os perfumes de dez milhas de jardins; e quando, inebriados por este paraíso e já esquecidos de qualquer outra coisa, nos viramos para trás, vemos, com um sentimento novo de espanto, a margem asiática, que encerra o panorama com a beleza pomposa de Scutari e com os cumes nevados do Olimpo da Bitínia; o Mar da Mármara semeado de ilhotas e a alvejar de velas; e o Bósforo coberto de navios, serpenteando por entre duas filas intermináveis de quiosques, de palácios e de chalés, e perdendo-se misteriosamente no meio das mais prazenteiras colinas do Oriente. Ah, sim! Este é o mais belo espectáculo da terra; quem o negar é ingrato para com Deus e insulta a criação; uma beleza maior do que esta aniquilaria os sentidos do homem!

Passada a primeira emoção, olhei para os viajantes: todas as faces estavam alteradas. As duas senhoras atenienses tinham os olhos húmidos; a senhora russa, no momento solene, apertara ao peito a pequena Olga; até o frio padre inglês deixava ouvir a voz pela primeira vez, exclamando de quando em quando: «*Wonderful! Wonderful!*» (Maravilhoso! Maravilhoso!)

O navio parara a pouca distância da ponte; em poucos minutos juntou-se em seu redor uma chusma de botes e irrompeu pelo convés uma multidão de bagageiros turcos, gregos, armênios e judeus, que, arranhando um italiano do outro mundo, se apoderaram das nossas coisas e das nossas pessoas.

Após uma inútil tentativa de resistência, dei um abraço ao capitão, um beijo a Olga, fiz adeus a todos, desci com o meu amigo para um caíque a quatro remos que nos conduziu à alfândega, e dali subimos por um labirinto de vielas até ao Hotel de Bizâncio, no cimo da colina de Pera.

NOTA BIOGRÁFICA

EDMONDO DE AMICIS NASCEU EM 1846, em Oneglia, actual Imperia, na região italiana da Ligúria. Estudou na Academia Militar de Modena e serviu no exército italiano, combatendo na Terceira Guerra da Independência. Essa experiência deu origem às suas primeiras crónicas, reunidas no volume *La vita militare*. Retirado do exército, começou a trabalhar como jornalista no *La Nazione* e deu início a um capítulo fundamental na sua obra, e na sua vida: as crónicas de viagens. Além de *Constantinopla* (1878), publicou relatos sobre Espanha, Holanda, Marrocos, Paris e Londres. Escreveu também poemas e contos, e tornou-se conhecido pelo sucesso de *Coração*, livro infanto-juvenil ainda hoje lido por todas as crianças italianas e já traduzido para dezenas de línguas. Morreu em Bordighera, cidade da Ligúria, em 1908.



constantinopla

*foi composto em caracteres Hoefler Text e
impresso na Guide, Artes Gráficas, sobre papel
Coral Book de 80 gramas, no mês de Outubro de 2017.*